

O CURSO DE QUÍMICA INDUSTRIAL DA ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE PERNAMBUCO: MEMÓRIA E PIONEIRISMO.

- Josefa Martins da Conceição ¹; Vania Ferreira da Silva ²; Dra. Maria do Rocio Fontoura Teixeira ³
- ¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da UFRGS, cmartins3012@gmail.com
- ² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da UFRGS, vaniafdasilva@gmail.com.
- ³ Doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da UFRGS e Dra. em Educação em Ciências: Química da Vida, mrfontoura@gmail.com.

Introdução

O Curso de Química Industrial funcionou na Escola Superior de Agronomia de Pernambuco (ESAP), atual UFRPE, no período de 1941 a 1947. Resgatamos seu contexto histórico e seu pioneirismo ao formar a primeira representante do gênero feminino após 30 anos de funcionamento dessa Escola. Na realização de tal tarefa, focamos nossa atenção em sinais que se manifestam na documentação e, sobretudo, na memória de um de seus alunos egressos da turma de 1946. Pautamo-nos nos escritos de Carlo Ginzburg, através dos quais buscamos rastros, no sentido atribuído por este autor, que nos ajudaram a construir “o fio do relato” a nos orientar “no labirinto da realidade” (GINZBURG, 2007, p. 7).

A narrativa histórica abordada neste texto é justificada pela importância do estudo do curso de Química no Recife, estado de Pernambuco, uma vez que esta capital teve participação ativa na economia e na constituição do Brasil entre os séculos XIX e XX. Como não poderia ser diferente, a cidade acompanhava o país e sofria com a falta de mão-de-obra qualificada. Nessa reconstrução da memória, como todo trabalho histórico, as fontes registram o que aconteceu e revelam indícios sobre o passado, possibilitando compor a história que de fato aconteceu. A pesquisa contou não apenas com os documentos oficiais da ESAP, mas com informações que trouxeram evidências acerca do tema, inclusive o discurso colhido na entrevista, como nos diz Ecléa Bosi (2003, p.66), sobre memória, quando afirma: “o passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial [...] a memória deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser a memória geradora do futuro”.

Em Pernambuco, estado notadamente direcionado à cultura canavieira, enquanto a indústria açucareira desenvolvia uma moderna tecnologia na mecanização e refinamento do açúcar e aproveitamento dos subprodutos da cana-de-açúcar, no segmento industrial, a relevância dos profissionais especializados da Química continuava aquém da sua real dimensão. Nos anos de 1935 a 1945, as aplicações químicas na área industrial, eram relativamente pequenas. Apesar da distância geográfica, Pernambuco passou a conviver com os efeitos da II Grande Guerra a partir de 1940, resultando na carência dos reagentes químicos usados normalmente nos laboratórios. Substâncias usadas nas indústrias começaram a se tornar escassas por serem importadas da Europa. Surgiram diversos problemas que exigiam a competência e a inteligência dos Químicos para serem superados: “No laboratório do Professor Oswaldo Lima passamos a produzir cloreto de sódio puríssimo para fabricar soro fisiológico, mediante uma técnica “íon comum” (CARVALHO, 1995, p. 309). Nesse contexto de necessidades imediatas, o papel dos Químicos Industriais foi rapidamente valorizado e houve uma crescente demanda pelo Curso de Química Industrial, que funcionava desde 15 de setembro de 1920, sendo o pioneiro na região Nordeste como anexo da Escola de Engenharia do Recife, atendendo ao contrato com o Governo Federal assinado em 12 de julho daquele ano.

Duas décadas depois, a partir do empenho e interferência do Secretário de Agricultura de Pernambuco, Engenheiro Agrônomo e Professor João de Deus de Oliveira Dias, através do Decreto nº 528 de 13 de setembro de 1940, o Curso de Química Industrial foi transferido para a jurisdição do Estado, integrando-se à Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP). Suas atividades foram iniciadas no campus de Dois Irmãos, sede da ESAP, conforme a matéria publicada no Jornal da Manhã do dia 26 de janeiro de 1941: “este curso funcionou regularmente, sem interrupção até o dia 31 de dezembro do ano próximo passado, quando, por acto 528 de 13 de setembro de 1940, do Governo do Estado foi anexado a Escola Superior de Agricultura, passando a funcionar ali, desde o dia 1º do corrente mez. A Escola de Engenharia formou até esta data 90 químicos industriais”.

Na época, os Cursos de Química de nível superior eram voltados para o preparo profissional para a indústria química, através do aprendizado dos processos e das reações químicas envolvidas na preparação dos produtos fabricados na época. Havia um rigoroso processo de seleção, conforme o testemunho do Químico Industrial Luiz Bezerra de Oliveira: “volto a memória para o ano de 1943, para o mês de julho, porque foi o ano do vestibular para o Curso de Química feito aqui na Escola de Agronomia em Dois Irmãos, mas com o formato do Curso de Engenharia da Escola de Engenharia de Pernambuco, inclusive aplicado pelos professores daquela Escola. Tínhamos que estudar muito para passar”. (OLIVEIRA, 2017).

Aliamos a este resgate a busca e os vestígios que nos permitem recuperar também as primeiras mulheres que, com ousadia, optaram por prestar o vestibular, frequentar as bancas de estudo e concluir o Curso Superior de Química ou de Agronomia para ingressarem no mercado de trabalho. Nessa conjuntura, o reduto masculino da ESAP teve seu paradigma rompido em 1942, em plena II Grande Guerra, quando nele colou grau a primeira mulher após 30 anos de história da ESAP, a jovem estudante do Curso de Química Industrial, Lucia Schachnik. A respeito dessa pioneira, ainda há poucas informações, e a pesquisa sobre sua trajetória de vida continua.

Metodologia

Consideramos cada fase da pesquisa como um movimento permanente de integração e sucessivo recomeçar, uma vez que “[...] o conhecimento é uma construção que se faz a partir de outros conhecimentos os quais se exercita a apreensão, a crítica e a dúvida”, Minayo (2004, p. 89). Para tanto, centramos o olhar deste texto nas (re) memórias do aluno egresso do Curso de Química, Luiz Bezerra de Oliveira, obtidas através da entrevista realizada em 28 de dezembro de 2016, e em diferentes documentos – livros, artigos, textos oficiais da ESAP e na edição do Jornal Correio da Manhã do dia 26 de janeiro de 1941, referências que trouxeram informações acerca do tema.

Resultados e discussão

A pesquisa possibilitou tornar público o contexto histórico do período de 1941 a 1946 e, conseqüentemente, a realidade do Curso de Química e sua mudança para a ESAP, atual Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Deixou à mostra o cenário de seus professores e suas relações com as indústrias locais, fato que contribuía para a excelência do curso, visto que esses docentes estavam em contato permanente com a realidade industrial, transmitindo essa visão aos alunos e facilitando a inserção dos mesmos no mercado de trabalho da época. Em depoimento, Luiz Bezerra relembra: “Nossos professores eram todos da Escola de Engenharia. Vinham aqui à ESAP apenas para dar aulas para nós, alunos do curso de Química, depois iam embora. Lembro, especialmente, do Professor Oswaldo Gonçalves de Lima e do seu laboratório de análise de solos, esse é um importante detalhe que me vem à memória”. (OLIVEIRA, 2017).

A sociedade dos anos 40 idealizava para as mulheres o curso normal. O desejo manifestado por uma jovem para obter uma formação superior era visto pela família com certo receio pelo fato de a mesma sair do privado para o público. Essa sociedade considerava, sobretudo, que o Curso de Química, tal qual o de Agronomia, eram direcionados aos homens, portanto, eram profissões que as mulheres não deveriam seguir. Porém, naquele celeiro masculino, em 1942, uma mulher se destacou: a Química Industrial, Lucia Schachnik. Em 1944, mais três Químicas Industriais colaram grau, segundo o relato de Luiz Bezerra de Oliveira: “Célia Salgado Medeiros de Moraes, Jacirema Alves Bandeira e Dóris Marinho do Rêgo Paixão, quando eu estava no 2º ano. Jacirema e Dóris foram auxiliares do laboratório da Escola. Jacirema depois de formada trabalhou muito tempo com Professor Oswaldo Lima em seu laboratório de análise de solos e a Dóris trabalhou lá muito tempo também. Elas tinham muita competência em Química Analítica e se dedicavam às pesquisas em laboratório”. (OLIVEIRA, 2017).

Relembrando o convívio da época, Luiz Bezerra de Oliveira se emociona: “o Curso de Química e o Curso de Agronomia funcionavam no mesmo prédio, por isso, durante os 04 anos, éramos como uma família, alunos de Agronomia e de Química se confundiam e as pessoas de fora da ESAP não sabiam se eu estudava Química ou Agronomia e vice-versa. Naquele período de 1943 a 1946 nasceram grandes amizades entre os Químicos e Engenheiros Agrônomos. Na realidade, colamos grau no dia 07 de dezembro de 1946, agora celebramos 70 anos de formados”. (OLIVEIRA, 2017). Salutar convivência registrada no próprio Diretório Acadêmico da época que congregava os dois cursos, denominando-se “Diretório Acadêmico de Agronomia e Química”.

Conclusões

A necessidade da criação de cursos na área de Química Industrial no Brasil decorreu das conseqüências advindas com as I e II Grandes Guerras, quando se constatou o atraso do país e, conseqüentemente, de Pernambuco. O modelo adotado foi importante para o desenvolvimento da Ciência Química, permitindo sua inserção no contexto de uma sociedade em processo de modernização, que teve grande importância como centro formador de mão-de-obra para suprir as necessidades de pessoal qualificado do Nordeste do País. O Curso de Química Industrial originário da Escola de Engenharia de Pernambuco permaneceu entre 1941 e 1947, com especial deferência ao abrir as portas para a questão de gênero e formar em 1942 a 1ª mulher no celeiro masculino da Agronomia, cuja história continua sendo pesquisada. Quando se desvinculou da ESAP, passou a constituir-se na Escola de Química, posteriormente, agregada à Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Palavras-Chave: Ensino Superior; Química Industrial; UFRPE; Memória; Gênero.

Referências

- BOSI, Ecléa. **O tempo da memória:** Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARVALHO, Hervásio Guimarães de. Aspectos da história da Química em Pernambuco. **R. Química Nova**, 18(3). 1995.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros:** Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Instrução, Escola de Engenharia de Pernambuco completa, hoje, esse instituto de ensino superior, 46 anos de atividades. **Jornal Diário da Manhã**. 26.jan. 1941. p. 2.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- OLIVEIRA, Luiz Bezerra de. Entrevista. [28. Dez. 2016]. Recife. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.